

(pp. 58-9). O procedimento metodológico seguinte é definir os critérios objectivos e instrumentos conceptuais de análise para distinguir o que é essencial do que é accidental na prática profissional, constituindo este procedimento, para a autora, o maior desafio do método ao serviço social.

Na parte final da obra, a autora introduz uma reflexão acerca da pesquisa histórica no serviço social, mantendo o imperativo de uma metodologia rigorosa na construção do corpus da investigação, a partir da sua relação com o processo histórico, num contexto específico de relações sociais que se transformam, à medida que se configuram novas relações. Práticas e conhecimentos têm de ser trabalhados nesta dinâmica como uma estrutura parcial vinculada a totalidades mais abrangentes. Não reconhecer a complexidade deste processo pode conduzir a uma concepção de historicidade como uma mera apresentação cronológica de factos e actores ou a uma narrativa que apresenta o serviço social 'apenas a partir de uma teleologia, numa perspectiva de pureza (...) que situa o olhar do investigador num espaço ideal, anacrónico, estranho ao objecto, sem vínculos com a sua constituição, contrapondo a impureza da prática, insistentemente denunciada e desqualificada, à pureza das reflexões de âmbito académico'. Em alternativa, Myrian Veras Baptista propõe que a investigação histórica deve ser orientada 'para entender por que um tal acontecimento se deu de uma certa forma e não de outra, num determinado lugar, num dado momento' (p. 69). A autora afirma, assim, baseada em Lucien Goldmann, que a possibilidade de compreender os factos empíricos e abstractos e extrair deles as suas leis e a sua significação constitui o único critério válido para julgar o valor de um método ou sistema filosófico. Este trabalho exige do investigador a compreensão dos dados empíricos como uma verdade parcial. Para Goldmann, 'toda a verdade parcial só assume significado, pelo seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso das verdades parciais'. Assim, é por um processo de objectivação dos factos mais significativos e sua integração em conjuntos mais abrangentes que, por aproximações sucessivas, a realidade supera os seus limites assumindo uma configuração histórica e de totalidade (p.72).

Em suma, esta obra, como afirma Alcina

Martins no prefácio, constitui 'um significativo e valioso contributo, quer como matriz do pensamento e da teoria crítica no Serviço Social, quer como referencial para o aliar da investigação às práticas profissionais'.

**Rosa Tomé**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Maria Lucia Silva Barroco. 2001. *Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos*. São Paulo: Cortez Editora. 222 pp. ISBN: 85-249-0813-0.**

A autora deste livro é doutorada em serviço social, especialista em ética e testemunha aqui o seu empenhamento em renovar e refundir o debate da ética profissional, tornando-se, por isso, uma leitura importante para os assistentes sociais comprometidos com as implicações éticas do serviço para além do que antigamente se denominava, de forma puramente descritiva, a deontologia profissional. Paulo Netto diz, no prefácio, que 'este livro constitui, na bibliografia do serviço social em língua portuguesa, o primeiro trabalho que oferece a fundamentação adequada à formulação ética compatível com um projecto profissional radicalmente crítico, substantivamente democrático, concretamente humanista e orientado para o horizonte histórico do que Marx, em 1844, qualificava como emancipação humana' (p.10).

Assim, o eixo condutor da análise é dado pela apreensão das determinações e mediações que incidem sobre a consciência ético-política da profissão, concebida como expressão de possibilidades inscritas nas condições mais gerais da vida social. A ética profissional é permeada por conflitos e contradições consubstanciadas na formação moral dos indivíduos sociais; formas de representação e vivência do trabalho; vida quotidiana; vida cívica e política; apreensão do significado da profissão e dos novos pressupostos da 'questão social', em torno de valores, finalidades e responsabilidades profissionais colectivas. É precisamente neste campo de possibilidades, onde as escolhas são feitas, valores são afirmados e negados e onde surgem novas situações colectivas que a autora procura identificar as configurações e fundamentos da ética profissional.

Esta abordagem da relação da ética com o serviço social indica não segue uma análise moralista da realidade e não julga individualmente os agentes profissionais, mas denuncia uma prática colectiva, cujos produtos ético-políticos contribuem tantas vezes – independentemente da intenção benéfica ou singular dos seus agentes – para o fortalecimento da alienação moral e para projectos conservadores ou simplificadores das potencialidades éticas do ideário que lhe serve de referência. Segundo a autora, os valores eticamente legitimados expressam conquistas sócio-históricas essenciais, por isso a sua permanência ou perda é sempre relativa e não depende somente da categoria profissional, mas do conjunto das forças sociais democrático-populares. Nesta perspectiva, a valorização do ethos profissional recai sobre o conjunto de alternativas colocadas à profissão, em cada momento histórico, e sobre as formas da sua incorporação crítica, moralmente, responsável e livre. É neste sentido que a autora refere que, sem escolhas e alternativas, não existe liberdade e, sem liberdade, a ética não tem substância histórica.

Maria Lúcia Barroso observa a noção de ética apoiada no método crítico dialéctico de Marx e, em particular, a partir da leitura de Lukács e seus discípulos, especialmente Heller e Mészáros (sem prejuízo de reconhecer as expressivas divergências destes dois pensadores). Assim, a ética é definida como uma capacidade de agir em consciência com base em escolhas de valor e objectivá-las e projectá-las concretamente na vida social. Neste sentido, a autora apresenta o serviço social enquanto projecto profissional com carácter sócio-político e societário, assinalando as suas várias formas na trajectória da profissão. Desta perspectiva ressalta a análise dos diversos Códigos de Ética brasileiros, dos códigos internacionais das décadas de 60 e 70, bem como obras que influenciaram o serviço social latino-americano e brasileiro. As potencialidades do actual Código de Ética brasileiro (1993) e do projecto profissional a ele ligado indicam uma direcção socialmente estratégica capaz de objectivar valores ético-políticos, na construção de uma sociedade radicalmente nova. Tal facto não significa que, no campo específico da ética profissional, a problemática dos valores esteja resolvida, pois o cenário em que se inscreve o processo de legitimação do projecto profissional do Código de 1993 integra conflitos e desafios, tanto ao nível da fun-

damentação teórico-filosófica como da dimensão prática. Neste sentido, a autora termina, referindo que se ampliaram as bases para uma reflexão que, embora situada na sua perspectiva crítica, possibilita o enfrentamento de dilemas e opções, em face dos quais as polémicas continuarão em aberto.

Apesar de esta obra se situar num contexto sócio-cultural e político-jurídico especificamente brasileiro, constitui uma referência poderosa para o debate e reflexão ética do serviço social português, numa forma comprometida e reorientada para os desafios éticos que se colocam à profissão. A abordagem das implicações éticas no exercício da profissão implica fundamentações filosóficas sólidas e uma análise do seu desenvolvimento histórico, sócio-político e técnico-metodológico. Neste percurso, a temática da ética profissional não é um aspecto da vida dos assistentes sociais limitado às formalidades do cumprimento de um código de ética, mas um importante compromisso de competência e vinculação aos objectivos intrínsecos da própria profissão nos diferentes contextos sociais.

**Rosa da Primavera Neves de Castro**  
*Instituto Superior Miguel Torga*

**Maria Luisa Ribeiro Ferreira (org.). 2001. *Também Há Mulheres Filósofas*. Lisboa: Caminho. 262 pp. ISBN: 972-21-1416-6.**

Esta colectânea de 13 ensaios, depois de *O Que os Filósofos Pensam sobre as Mulheres* (cit. in. 'Apresentação': s/d.; s/l., s/ed.) volta a divulgar a pesquisa 'Uma Filosofia no Feminino' (Centro de Filosofia-Univ. de Lisboa). Maria Luisa Ribeiro Ferreira, na 'Apresentação', expõe a tripla vertente da pesquisa: aceder a representações da mulher no pensamento de filósofos ocidentais; discutir, anti-androcentricamente, a 'filosofia no feminino' e 'divulgar o pensamento de filósofas, publicitando seus textos e (...) teses'. (p.9). De entre as/os colaboradora/es no livro, oito são de Lisboa e os restantes do Porto, Évora e Grenoble, incluindo apenas três autores homens. Destas discussões sobre a 'produção filosófica das mulheres' sobressaem focalizações históricas e outras mais epistemohermenêutica, embora vários textos enlacem ambas.